



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

Colecção de Moedas Árabes do Museu de Pio XII

(BRAGA)

Por ANTÓNIO LOSA

AOS LEITORES

Como se pode verificar pela leitura da nota preliminar com que abria este trabalho em 1962 — que se mantém por razões que são óbvias — esteve ele ordenado para ser publicado naquela data. Razões que não interessa mencionar aqui, protelaram o seu aparecimento até hoje.

Honra-nos muito a solicitação da Revista de Guimarães, publicação a que nos ligam as mais gratas recordações; e na qual já foi em tempos publicado um outro trabalho nosso, também de numismática árabe.

O estudo acaba de ser revisto, mas não com a profundidade e os vagares que o caso requeria.

Enfim, ele aí vai, com todas as imperfeições que os especialistas não deixarão certamente de nele descobrir. O autor sentir-se-á porém feliz se lhes tiver proporcionado oportunidade para darem forma acabada ao que ele, dentro dos condicionalismos em que desenvolve o seu trabalho, apenas esboçou.

Braga, Junho de 1982.

NOTA PRELIMINAR

Dá-se a público, no presente trabalho, a tentativa de interpretação da parte árabe e oriental do espólio de numismática existente no Museu anexo ao Seminário Conciliar de Filosofia, desta cidade, pacientemente organizado e sabiamente dirigido pelo Rev.^o Cónego Luciano Afonso dos Santos, Reitor daquele estabelecimento de Ensino.

Numerosas são as lacunas que este estudo apresenta, mesmo ao fim de vários anos de aturada investigação por museus nacionais e alguns estrangeiros, e da consulta de toda a bibliografia que foi possível haver à mão.

Há moedas só parcialmente lidas e algumas — cuja fotografia aqui se publica também — para as quais nem hipóteses de interpretação se formularam.

Enganar-se-á o leitor se pensar que a interpretação da numismática árabe se torna mais fácil à medida que nos aproximamos da actualidade. Bem pelo contrário. A sua dificuldade, por vezes, aumenta. É escassíssima a bibliografia de que se dispõe e, essa mesma, muitas vezes dispersa por publicações periódicas.

Enfim, não obstante todas as reservas que para trabalhos desta natureza se têm de formular, ele aí vai a público. Oxalá que alguma utilidade possa apresentar para o vulgo. Aos peritos, em cujas mãos possa cair, desde já se agradecem as observações que porventura lhes possa sugerir.

Integram-se as peças aqui estudadas numa valiosa colecção que pertenceu, na maior parte, ao Rev.^o Abade de Guardizela, P.e José Fernandes, há tempos desaparecido. O facto não pode deixar de ser sublinhado neste lugar, pois não é muito vulgar encontrarmos tal interesse e devoção num simples pároco de aldeia.

Convém todavia esclarecer que nem todas as peças aqui estudadas pertenceram ao mesmo sacerdote. Parte delas, as mais recentes, são propriedade do Rev.^o Cónego Luciano Afonso dos Santos.

Cumpre-me agradecer aqui a penhorante gentileza que tiveram para com o autor do presente trabalho os Srs. Professor D. Joaquim Palacios, Director do Museu Arqueológico de Madrid, e seu filho, D. Jorge Navascués, actualmente Sub-Director do Museu de Navarra, que, aquando da minha estadia na capital espanhola como bolseiro do Instituto de Alta Cultura, me puseram à disposição não só os seus valiosíssimos serviços mas também a rica biblioteca de numismática lá existente.

Devia o presente estudo ser revisto pelo meu saudosíssimo Mestre, o Prof. Dr. Joaquim Figanier. Os seus padecimentos primeiro, depois a morte que tão cruelmente o arrebatou do nosso convívio, não o permitiram. Fique ao menos esta modesta contribuição como penhor de gratidão e testemunho da nossa infinita saudade.

Braga, Outubro de 1962.

ANTÓNIO LOSA

I

MOEDAS MEDIEVAIS

A) Pérsia

(Império Sassânida)

1 — A moeda que figura com este número é, talvez, uma das mais importantes da colecção. Trata-se dum numisma persa, pré-islâmico. Estas moedas estão, no todo ou em parte, cunhadas em língua palevi (médio persa), que muito poucos especialistas são capazes de interpretar. A leitura que abaixo apresentamos — textualmente — é da autoria do Professor André Guillou, do *Cabinet des Médailles* de Paris, cuja gentileza agradecemos.

Data: 598/599 J. C.

Metal: prata

Peso: 3,5 gr.

Diâmetro (aproximado): 32 mm.

Eis a leitura que dela fez M. Guillou:

Moeda de Cosróis II

(KHUSRAU II)
590-628

«Oficina: NAH-, provavelmente NAKHCHAVAN.

Data: 8.º ano do reinado, ou seja, 598/599 da era cristã.

A data desta moeda não é assinalada em Parruck: *Sassanian Coins*. Nem no meu *Catalogue des Monnaies Sassanides du Cabinet des Médailles de France*.

Penso que é o primeiro exemplar assinalado desta data para aquela oficina.»

O anverso apresenta-nos o busto do monarca, de perfil, voltado para a direita, com a coroa encimada por duas asas que envolvem um crescente. A figura é rodeada por duas circunferências. À margem, três crescentes, contendo cada um, na concavidade, uma estrela de seis pontas.

No reverso está representada, ao centro, uma pira com chama ladeada por duas figuras humanas. Tudo isto envolto por três circunferências; na margem, quatro crescentes idênticos aos do anverso.

B) ANDALUZ

1) DIRAME DE HIXAME II

2 — Estamos perante um numisma cunhado no tempo do califa omaíade de Córdoba Hixame II (366-399; 400-408 H.).

Data: 36. (?)

Metal: prata

Peso: 3 gr.

Diâmetro: 23,5 mm.

Anverso

Campo:

لا اله الا لا Não há Deus senão

الله وحده Alá, único,

لا شريك له sem companheiro (1).

Orla:

بسم الله ضرب هذا الدرهم بالاندلس سنة [...] [...]

Em nome de Alá, foi cunhado este dirame no Andalus no ano de (...)

(1) Fórmula da profissão de fé muçulmana — variante usada na numismática.

Reverso

Campo:

لامام هشام O Imāme Hixāme,
 امير المؤمنين Emir dos crentes,
 المويده بالله Almwayad Billah
 عامر 'Āmir.

Orla:

محمد رسول الله ارسله بالهدى ودين الحق ليظهره على
 الدين كله ولو كره المشركون

Maomé é o enviado de Alá; enviou-o com a boa direcção e a religião da verdade, para a fazer prevalecer entre as outras, embora os politeístas a detestem (1).

A data desta moeda é de leitura difícil.

O nome 'Āmir parece ser um daqueles por que foi conhecido o celeberrimo Almansor, que foi ministro onnipotente durante o governo de Hixame II.

O facto de tal nome já se encontrar nas moedas de Al-Háqueme II tem-se explicado por esse estadista haver sido director, naquela época, da casa da moeda.

'Āmir pode figurar numa linha só — como é o caso presente — ou ocupar duas, por cima e por baixo da legenda do campo do reverso.

2) TRÊS DINARES CUNHADOS EM CEUTA

3 — Data: 426 H. (1035 J. C.)

Metal: ouro

Peso: 4,4 gr.

Diâmetro: 22 mm.

(1) *Alcorão* — Sura (ou capítulo) 61, vers. 9. — É a chamada missão profética de Maomé.

Anverso

Campo:

قَا Qā-
 لا اله الا الله Não há Deus senão
 الله وحده Alá, único,
 لا شريك له sem companheiro.
 سم sim

Orla:

بسم الله ضرب هذا الدينار بهدينة سبئة سنة ست وعشرين وأربع مائة

Em nome de Alá, foi cunhado este dinar na cidade de Ceuta no ano de quatrocentos e vinte e seis.

Reverso

Campo:

ولي العهد Príncipe herdeiro
 الامام يحيى O Imāme Yhaya
 المعتلى بالله Almu'tali Billah.
 امير المؤمنين Emir dos Crentes
 ادريس Idrīs

Orla:

محمد رسول الله ارسله بالهدى ودين الحق ليظهره على
 الدين كله ولو

Maomé é o enviado de Alá. Enviou-o com a direcção e a religião verdadeira, para a tornar conhecida sobre todas as religiões embora (...)

Qāsim morreu em 414 (1).

(1) Compare-se com o n.º 5 da Lâm. XII de Codera, in *Tratado de Numismática Árabe-Española*.

No reverso, além do nome do califa, figura o do príncipe herdeiro, *Idrīs*.

- 4 — Data: (4)26 H. (1035 J. C.)
Metal: ouro
Peso: 4,9 gr.
Diâmetro: 21,5 mm.

O número das centenas é ilegível. Tratando-se porém duma moeda semelhante à anterior, parece não restarem dúvidas de que se deve situar na data que propomos.

- 5 — Data: (?)
Metal: ouro
Peso: 5 gr.
Diâmetro: 21,5 mm.

É em tudo semelhante às duas peças anteriores. Não é possível ler a data nem o nome da terra em que foi cunhada. A disposição dos caracteres que constituem a palavra *Qāsim* leva-nos a aproximá-la do número 4, parecendo todavia tratar-se de módulo diferente.

3) UMA MOEDA DE ALMOTÂMIDE

- 6 — Data: Não é datada
Metal: ouro
Peso: 1,4 gr.
Diâmetro: 14 mm

Anverso

الظافر *Azzāfir*
لا اله الا لا *Não há Deus senão*
الله وحده *Alá, único,*
لا شريك له *sem companheiro.*
الموفق *Almwafaq*

Reverso

المعتد على الله *Almu'tamid 'Alallah*
الامام عبد الله *O Imāme 'Abdallah,*
امير المؤمنين *Emir dos crentes,*
الموید بنصر الله *Almwayad Binaqr Allah.*

O numisma está bastante gasto. Lê-se no entanto o suficiente para se verificar que se trata dum idêntico ao que Codera (*Tratado de Numismática Árabe-Espanhola*) apresenta na Lam. XIV, com o n.º 4 — pág. 138.

Almotâmide viveu de 1040 a 1095 da nossa era. Foi governador de Silves e depois rei de Sevilha. É um dos maiores poetas árabes da Península (1).

4) DINAR ALMORÁVIDE

- 7 — Data: 544 H. (1149 J. C.)
Metal: ouro
Peso: 4,4 gr.
Diâmetro: 28 mm.

Anverso

Campo:

الله *Não há Deus senão.*
لا اله الا *Alá*
محمد رسول الله *Maomé é o enviado de Alá*
المهدي بالله *Almahdi Billah.*

(1) Ver Resenha Histórica.

Orla:

وَمَنْ يَبْتَغِ غَيْرَ الْإِسْلَامِ دِينًا فَلَنْ يُقْبَلَ سُنَّهُ وَهُوَ فِي الْآخِرَةِ
 مِنَ الْخَاسِرِينَ

E aquele que busca fora do Islão qualquer religião não será recebido por Ele, nem na outra vida dos transviados ⁽¹⁾.

Reverso

Campo:

لامام O Imāme
 عبد Abd-
 الله Allah,
 امير المؤمنين Emir dos Crentes.

Orla:

بِسْمِ اللَّهِ ضَرَبَ هَذَا الدِّينَارَ بِسِتَّةِ عَامٍ أَرْبَعَةَ وَارْبَعِينَ وَخَمْسَ مِائَةٍ

Em nome de Deus, foi cunhado este dinar em Centa, no ano de quinhentos e quarenta e quatro.

O epíteto de *Almāhdi Billah* é de difícil atribuição.

5) UM QUIRATE ALMORÁVIDE

8 — Curiosíssimo este numisma.

Quanto ao tipo caligráfico é inteiramente semelhante à moeda anterior. Repare-se na disposição dos caracteres, na primeira linha do anverso, formando uma espécie de ogiva.

Quanto às legendas e à sua disposição, corresponde inteiramente ao n.º 2014 de Vives ⁽²⁾, que este autor

⁽¹⁾ *Alcorão* — Sura III, Vers. 99.

⁽²⁾ *Monedas de las Dinastías Árábigo-Españolas.*

situa nas Taifas Almorávides sob a denominação de *quirate*. Representa certamente o tipo de transição para a época almóada, como as legendas do reverso sugerem.

É exemplar muito bem conservado e perfeitamente legível.

Data: Não é datado

Metal: prata

Peso: 1 gr.

Diâmetro: 12 mm.

Anverso

لا اله الا الله Não há Deus senão Alá
 محمد رسول الله Maomé é o enviado de Alá.
 لامام O Imāme.

Reverso

الله ربنا Alá é nosso Senhor.
 محمد رسولنا Maomé o nosso profeta.
 المهدى اما Almahdi o nosso Imā-
 me.

Esta moeda, como se vê, não é datada nem tem indicação da oficina em que foi cunhada; circula a partir do século VI da H.

6) MOEDAS QUADRANGULARES

9 — As moedas de prata almóadas são geralmente quadradas.

Não apresentam data e falta-lhes muitas vezes a menção da terra em que foram cunhadas. Conservam o mesmo tipo durante toda a dinastia — e ainda para além

dela. São das mais frequentes. — Só no Museu Arqueológico de Madrid há mais de três mil.

A colecção presente tem treze numismas destes, uns mais bem conservados que outros, como vamos verificar.

9 — Data: Não é datado

Metal: prata

Peso: 1,5 gr.

Lado: 15 mm.

Anverso

لا اله الا الله *Não há Deus senão Alá.*

الامر كله لله *Todo o mando pertence a Alá.*

لا قوة الا بالله *Não há força senão em Alá.*

باس *Bās*

Reverso

الله ربنا *Alá é o nosso Senhor.*

محمد رسولنا *Maomé é o nosso Profeta.*

المهدي امامنا *Almahdi é o nosso Imāme.*

A palavra que figura na quarta linha do anverso *Bās* — é o nome da terra onde a moeda foi cunhada. Não se sabe porém de que cidade se trata. As outras povoações em que — segundo o estado actual dos conhecimentos — foram cunhados numismas deste tipo são: Córdoba, Sevilha, Valência, Bugia, Tlemecém, Túnis, Segelmessa, Jaen, Jerez, Ceuta, Granada, Fez, Minorca, Múrcia, Marrocos, Málaga, Maiorca, Mequinez e outras.

10 — Exemplar idêntico ao anterior, mas bastante estragado. Entre as partes mais gastas figura a destinada à menção do local de cunhagem. São, no entanto, ainda visíveis certos vestígios do nome dela.

11 — É em tudo semelhante ao n.º 9.

12 — É idêntico aos anteriores. Torna-se porém impossível ler o nome da terra em que foi cunhado.

13 — Semelhante aos anteriores.

14 — Numisma em perfeito estado de conservação. Impossível porém a leitura do nome da terra de cunhagem.

15 — Idêntico. Lê-se mal o nome da localidade. Parece todavia tratar-se de *Bās*.

16 — Verifica-se o mesmo que com o anterior.

17 — É talvez o exemplar mais legível. Na cunhagem, o nome da terra ficou cortado.

18 — Idêntico. Em mau estado de conservação.

19 — Idêntico. Muito espalmado na parte inferior, do lado do anverso.

20 — Idêntico.

21 — Exemplar muito bem conservado. O nome da terra de cunhagem está substituído por três pontos.

7) UMA DOBRA

22 — Data: (?)

Metal: ouro

Peso: 4,5 gr.

Diâmetro: 29 mm.

O numisma presente, de ouro, é uma *dobra*, ou dobro do dinar.

Como se pode observar pela respectiva gravura, é formada, nas duas faces, por um quadrado inscrito, em volta do qual se formaram quatro segmentos.

Este tipo de moeda começa a circular na época almóada. Não é datada, e nem sempre é possível classificá-la em virtude da quantidade de nomes que nela figuram.

O péssimo estado de conservação e até, afigura-se-nos, a deficiente cunhagem, impede-nos de apresentar aqui a sua leitura, mesmo a título de hipótese.

8) UMA MOEDA RARA

Este pequeno numisma deve, segundo penso, ser pouco vulgar.

De toda a bibliografia consultada, só no Apêndice do Catálogo do Museu Britânico encontrei uma moeda com as legendas dizendo o mesmo que as desta.

O facto de ter as legendas centrais envolvidas por quadrados leva-nos a situá-la na época almóada.

Os segmentos estão de tal maneira gastos que é impossível de todo saber-se o que diziam.

23 — Data: (?)
Metal: prata
Peso: 1 gr.
Diâmetro: 15,5 mm.

Anverso

لا اله الا الله *Não há Deus senão Alá*
لا امر كله لله *O poder todo ele é de Alá*

Reverso

ابو مروان *Abū Marwan*
المنصور بالله *Almançūr Billab* ⁽¹⁾

Esta é a leitura que propomos, embora tenhamos muitas dúvidas sobre se a verdade está connosco, pois a moeda, sobretudo na base da legenda do reverso, na parte inferior, está bastante gasta.

Como são vários os monarcas que no decurso da história usaram o nome que figura nesta moeda, é-nos impossível estabelecer, mesmo a título de hipótese, o governante em cujo tempo foi cunhada.

⁽¹⁾ Só por comodidade de reprodução do texto árabe, fotografado, ele é aqui representado, bem como a respectiva tradução, distribuído em duas linhas apenas, contrariamente ao que acontece na moeda em estudo.

II

MOEDAS CONTEMPORÂNEAS

A) Marrocos

24 — Este numisma, bem como o seguinte, é um *felse* ⁽¹⁾ — nome por que eram designadas as moedas de cobre.

Data: 1288 H. (1871 J. C.)
Metal: cobre
Peso: 11,5 gr.
Diâmetro: 31 mm.

Anverso

ضرب *Foi cunhado*
بمراكش *em Marráquexe*
1288 1288.

Reverso

(Estrela hexagonal, com um ponto ao centro).

25 — Este exemplar está muito gasto. Lê-se com dificuldade na data; o algarismo dos milhares e o das dezenas estão totalmente apagados.

Data: 12.8
Metal: cobre
Peso: 4,4 gr.
Diâmetro: 21,5 mm.

⁽¹⁾ O plural é *felūs*.

26 — Esta moeda é um dirame *hassânida* cunhado em Paris.

Data: 1299 H.
Metal: prata
Peso: 2,9 gr.
Diâmetro: 17 mm.

Anverso

ضرب *A sua cunhagem*
اختبر *foi verificada*
1299 1299.
عام *ano*
بياريز *em Paris.*

Reverso

درهم *Dirham*
حسني *de Hasan*
شرعي *legal*

27 — Outro dirame *hassânida*. Só diverge do anterior na data, que é de 1310 H. (1893 J. C.).

28 — É um meio dirame, também *hassânida*.

Data: 1299 H.
Metal: prata
Peso: 1,5 gr.
Diâmetro: 14,5 mm.

Anverso

(Igual ao do n.º 26)

Reverso

نصف *Meio*
درهم *dirham*
حسني *de Hasan*
شرعي *legal.*

29 — Moeda cunhada em Inglaterra:

Data: 1321 H. (1903 J. C.)
Metal: cobre
Peso: 10 gr.
Diâmetro: 30 mm.

Anverso

عام *Ano*
1321.

Reverso

(Um número apagado)
ضرب *Foi cunhado*
بانكلند *em Inglaterra.*

30 — Moeda idêntica à anterior, mas cunhada na Alemanha.

Data: 1321 H.
Metal: cobre
Peso: 10 gr.
Diâmetro: 30 mm.

Anverso

(Idêntico ao do número anterior)

Reverso

10 10
ضرب *Foi cunhada*
برلين *em Berlim*

31 — Data: 1329 H. (1911 J. C.)

Metal: prata

Peso: 6,2 gr.

Diâmetro: 24 mm.

Anverso

درهمان *Dois dirhames*ونصف *e meio*ضرب بياريز *Foi cunhado em Paris*

1329 1329.

Reverso

المكوك *Cunbagem de*الحفيظي *de Hafiz*دام عزه ربع *Que se conserve o seu poder. Um quarto*
ريال *de real.*

32 — Data: 1330 H. (1912 J. C.)

Metal: cobre

Peso: 9 gr.

Diâmetro: 30 mm.

Anverso

10 10

تـ t.

موزون *mauzūna*

Reverso

ضرب *Foi cunhado*بياريز *em Paris*

1330 1330.

33 — Data: 1340 H.

Metal: cobre

Peso: 4,9 gr.

Diâmetro: 25 mm.

Anverso

(Difere do anterior apenas no número de *mauzūna*, que é 5).

Reverso

(Idêntico ao anterior, variando apenas na data, que é 1340 H.)

Como é fácil de verificar — até pelo seu tamanho — trata-se de fracção da moeda anterior, ou seja a metade.

34 — Moeda cunhada em francês e em árabe.

Data: Não é datada

Metal: prata

Peso: 5 gr.

Diâmetro: 22 mm.

Anverso

Empire Cherifien *Império Cherifino*الدولة المغربية *Dinastia Magrebina*

Reverso

قطعة *Moeda*تساق *com valor de*50 centimes *50 centimos.*ستيم *centimos (O vocábulo francês transliterado em aljamia)*

III

MOEDAS DO IMPÉRIO OTOMANO

A) Turquia

35 — As moedas otomanas caracterizam-se essencialmente pela presença, pelo menos numa das faces — da chamada *tugra* ⁽¹⁾, ou emblema caligráfico, de difícil interpretação. Esta característica mantém-se até ao fim do califado, isto é, até à reforma de Ataturco, em 1922.

Data: 1255 H. (1839 J. C.)

Metal: prata

Peso: 2,4 gr.

Diâmetro: 17 mm.

Anverso

عز نصره *Seja glorificado o seu triunfo*

ضرب في *Foi cunhado em*

قسطنطينية *Constantinopla*

١٢٥٥ 1255 ⁽²⁾

Reverso

٧ 7

سنة ano ⁽³⁾

(1) Os dicionários turcos definem *Tugra* como: «monograma do Sultão».

(2) Ano da entronização. — Normalmente, as moedas otomanas de cada governante apresentam todas o mesmo ano — que é o da sua ascensão ao poder. A data precisa é fornecida pelo número do ano do reinado, acrescido duma unidade, visto que o primeiro ano de governo é considerado o ano zero.

(3) Ano de governo ou reinado.

36 — Data: 1277 H. (1861 J. C.)

Metal: cobre

Peso: 22 gr.

Diâmetro: 37 mm.

Anverso

(Emblema otomano)

٤ 4
سنة ano

Reverso

ضرب في قسطنطينية سنة ١٢٧٧ *Foi cunhado em Constanti-*
 عز نصره *nopla no ano de 1277.*
Seja glorificado o seu triunfo.

B) Egipto

37 — Data: 1277 H. (1861 J. C.)

Metal: cobre

Peso: 25 gr.

Diâmetro: 37 mm.

Anverso

(Tugra)

٤٠ 40
پ p(áras)

Reverso

ضرب 10
في *Foi cunhado*
مصر *no Egipto*
١٢٧٧ 1277 H.

38 — Data: 1277 H. (1861 J. C.)

Metal: cobre

Peso: 12 gr.

Diâmetro: 31 mm.

Anverso

(Tugra)

٢٠ 20

پ (arás)

Reverso

(Em tudo igual ao anterior)

39 — Data: 1277 H. (1861 J. C.)

Metal: cobre

Peso: 12 gr.

Diâmetro: 31 mm.

Exemplar em tudo idêntico ao anterior.

40 — Data: 1277 H. (1861 J. C.)

Metal: cobre

Peso: 6 gr.

Diâmetro: 30 mm.

Anverso

(Tugra)

١٠ 10

پ (arás)

Reverso

(Em tudo idêntico aos anteriores)

41 — Reconhece-se que esta peça é otomana pela presença, nas duas faces — que, ao contrário do que vulgarmente acontece, são iguais — do emblema ou tugra. A estilização dos caracteres, a utilização de motivos decorativos de ordem vegetal, a separação das palavras em compartimentos estanques de forma oval e, até, a dificuldade de encontrar elementos de comparação, levam-nos, de momento, a abstermo-nos de qualquer tentativa de leitura deste numisma (1).

Data: ?

Metal: cobre

Peso: 0,5 gr.

Diâmetro: 20 mm.

*

No final deste trabalho, estampa VIII, reproduzem-se duas moedas que não fazem parte da colecção do Museu Pio XII, mas que nos elucidam sobre a peça que acabámos de analisar.

A primeira, com igual diâmetro mas com o triplo do peso, é reproduzida, com a devida vénia, do «Standard Catalog of World Coins», Chester L. Krause e Clifford Mishler, Edição de 1979. Trata-se duma peça de ouro — aliás *altin*, palavra turca, significa «ouro».

A segunda, de cobre como a do Museu Pio XII, mede de diâmetro 16 mm. Pertence à colecção do autor.

Ambos os numismas, datados de 1223 H. — ano da entronização de Mahmud II, e aquele que figura em todas as moedas por ele mandadas cunhar — têm o reverso diferente do anverso. Nos dois se declara que foram cunhados em Constantinopla. A de ouro, no vigésimo quinto ano do seu reinado. No moedim de cobre não se distingue o ano da cunhagem ou do governo do soberano.

Em face do que se expôs, é lícito formular duas hipóteses:

(1) Note-se que num dos ovais é bem legível a palavra *sultân*. No entanto, as legendas que figuram nos outros dois são de difícil interpretação.

A primeira, é de que se trata dum erro de cunhagem, em que, por lapso, se repetiu o anverso no lugar do reverso, o que não surpreenderia, pois a divergência está apenas no pequeno círculo que ocupa o centro da moeda.

A segunda hipótese é de que se trata duma imitação de moeda, utilizada como recordação — para os peregrinos, por exemplo.

Para nós, qualquer das hipóteses é plausível, pois é sabido que houve sultões que cunharam moedas especiais destinadas aos peregrinos (1).

IV

ÍNDIA

42 — A moeda que figura com este número é aqui incluída com todas as reservas, pois, como se poderá verificar, não foi possível apurar nem a terra em que foi cunhada nem o governante que a mandou bater.

Eis o que se pôde apurar:

Data: 976 H. (1569 J. C.)

Metal: prata

Peso: 11,5 gr.

Diâmetro: 26,5 mm.

Anverso

لا اله الا لا *Não há Deus senão*

الله محمد *Alá. Maomé é*

رسول الله *o enviado de Alá.*

A interpretação do anverso não apresenta quaisquer dúvidas. As legendas distribuem-se por três linhas,

(1) Essas moedas destinavam-se às cidades da Arábia. O *Standard Catalog of World Coins*, já citado, menciona várias séries numismáticas da época de Mahmud II, portanto com o ano 1223 da H., cunhadas para o efeito. Nenhuma porém do tipo desta.

contendo a profissão de fé. A primeira letra de *rassûl* — profeta ou enviado — encontra-se no final da segunda linha.

Quanto ao reverso, nele se lê, clarissimamente, a data, com os algarismos disseminados por entre os caracteres que compõem o final do nome do governante. — Parece tratar-se de Muhammad 'Ala-Ad-Dîna. A parte superior, demasiado subida na cunhagem, abstemo-nos de a interpretar.

Cumpre esclarecer-se que nem nos museus nem nas obras consultadas se encontrou qualquer moeda que se lhe assemelhasse.

Em 1569, deve assinalar-se, ainda se não havia laicizado a moeda, pois esta apresenta, como vimos, as tradicionais legendas corânicas.

Acrescente-se, para finalizar, que o numisma está optimamente conservado.

43 — Esta moeda é em tudo semelhante à existente no Museu Numismático Português, de Lisboa, e estudada por Figanier com o n.º 219, no seu «Inventário», Vol. II, cuja lição seguimos de perto.

Data: 1192 H.

Metal: prata

Peso: 8,3 gr.

Diâmetro: 25,5 mm.

Anverso

مانوس *Dotado de*

ميمنت *prosperidade*

١٩ 19

سنة جلوس *ano (do) reinado*

ضرب *foi cunhado*

مرشد آباد *(em) Murxidābād* (1)

(1) Note-se que uma das originalidades da numismática indiana é que o texto árabe tem de ser lido de baixo para cima.

Reverso

الد حامى دين مجد *Deus. Defensor da religião Muhammad*
 شاه *Xāh*
 فضل شاه عالم پاد *Por graça do Xāh 'Ālam Pād*
 سايد *foi posta a circular*
 _____ *a sua moeda*
 زد بر هفت کشور *cunhada nos sete climas.*

A leitura destas moedas, cunhadas em caracteres árabes mas apresentando vocábulos não árabes — persas ou indianos — reveste-se de muitas dificuldades.

Substituímos por uma interrogação a tradução do vocábulo *Mānus*, de aparência indiana, mas que não pude identificar com precisão.

Também no reverso, além do numeral *sete* expresso em árabe, figura um vocábulo que Figanier — e outros — traduzem por *climas* que não consigo identificar sob o ponto de vista linguístico.

Resta assinalar que o governante que mandou cunhar esta *rupia* — assim se denomina a moeda presente — foi 'Ālam II. Veja-se, no final deste estudo a resenha histórica que apresentamos.

44 — Moeda igual à anterior, mas mais gasta ainda que ela. Não se reproduziu fotograficamente, por desnecessário.

45 — O numisma presente, em muito mau estado de conservação, deve ser fracção dos anteriores. Sobre ele se lê o nome 'Ālam. Como houve mais que um governante com este nome, ignoramos a quem deva ser atribuído.

Data: (?)

Metal: prata

Peso: 2,5 gr.

Diâmetro: 16 mm.

Sobre a face do reverso, vê-se um asterisco que não encontrei em nenhuma das fracções de rupia que me foi dado observar. Não deve pois ser muito vulgar este tipo de moeda.

46 — Estamos perante uma *pāi*, cunhada numa das faces em caracteres exclusivamente árabes, mas na outra apresentando inscrições em persa e outras em caracteres indianos. É da época do Xāh 'Ālam. Eis a sua interpretação parcial:

Data: 1798 (?)

Metal: cobre

Peso: 8 gr.

Diâmetro: 29 mm.

Anverso

شاه *Xāh*
 عالم پاد *'Ālam Pad*
 شاه *Xāh*
 جلوس ۳۷ *37 do reinado*
 _____ *ano*

Como acima se referiu já, as legendas do reverso estão cunhadas em três idiomas: o persa, que se escreve com caracteres árabes — adaptados à natureza do idioma — em bengali e num terceiro, que não consegui identificar.

A legenda persa tem a designação da moeda — *eka pāi* — na terceira linha seguida da palavra *sikeā*, «oficina ou casa da moeda». Na primeira e segunda linhas, suponho que se diz o mesmo num dos idiomas da Índia. Julgo que em bengali. As duas outras linhas, as inferiores, dizem o mesmo, segundo creio (1).

(1) Ao bom amigo Prof. Sushil Kumar Mendiratta, da Universidade de Aveiro, um muito obrigado pela colaboração prestada.

Existe no Museu Numismático Português uma moeda exactamente igual, que tinha esta indicação:

«Bengala — Jorge III — 1760-1820 — 1798 (?)
— Módulo Médio».

47 — É, como se nota pela inscrição inglesa, um quarto da moeda denominada *anna*, que circulou na Índia durante longos anos. Em ambas as faces apresenta a data, referida à era cristã no anverso e à muçulmana no reverso.

Data: 1838 (J. C.) / 1249 H.

Metal: cobre

Peso: 6,4 gr.

Diâmetro: 24,5 mm.

Anverso

(Armas inglesas)
1833

Reverso

Quater anna *Quarto de anna*
(Uma balança)

عدل *Justiça* (em árabe)

١٢٤٩ 1249 H.

Já não figura na moeda o nome da Companhia das Índias Orientais. A legenda inscrita no anverso, por baixo da data de 1883 J. C., está tão gasta que se torna impossível a sua leitura.

48 — A moeda que figura em último lugar neste inventário é certamente uma das mais curiosas. Ela marca uma evolução — na sua fase mais avançada — da numismática indiana para uma estilização muito curiosa, em que o elemento vegetal — ramos, frutos, sementes — ocupam todos os espaços deixados livres pelas legendas, cada vez mais escassas.

No numisma em análise, lê-se perfeitamente a data em algarismos árabes, na parte superior esquerda do anverso. É de 1884 da nossa era. Dada a impossibilidade de encontrar bibliografia para a interpretação das legendas que nela figuram, e que por vezes são difíceis de distinguir dos motivos ornamentais, não fazemos a sua leitura.

Data: 1884 H.

Metal: prata

Peso: 10 gr.

Diâmetro: 25 mm.

Diga-se, para concluir, que esta peça é uma rupia.

V

PALESTINA E EGITO

(Séc. xx)

A) Palestina

49 — Data: 1927 J. C.

Metal: bronze

Peso: 7 gr.

Diâmetro: 28 mm.

Anverso

فلسطين *Filastina* (em caracteres árabes)

PALESTINE *Palestine* (em inglês)

פלשתינה (א) *Palestina* (em hebraico)

1927 1927 J. C.

١٩٢٧ 1927 J. C. (em árabe)

ReversoTWO MILS *Dois mils* (em inglês)2 מילים *2 milim* (em hebraico)٢ ملان *2 milân* (em árabe)

50 — Exemplar igual ao anterior:

Data: 1941

51 — Igual aos anteriores.

Data: 1942

52 — Diferente dos anteriores apenas na data.

Data: 1945

53 — Idêntico aos anteriores, diferindo apenas no ano de cunhagem.

Data: 1946

54 — É do tipo das moedas anteriores — 49 a 53 — mas com metade do seu valor.

Data: 1927 J. C.

Metal: bronze

Peso: 2 gr.

Diâmetro: 23 mm.

Anverso

(As mesmas legendas do n.º 49), diferindo apenas na data.

Reverso

ONE MIL (em inglês)

1 » (em hebraico — a palavra *mil*)1 » (em árabe — o algarismo e o nome *mil*)

55 a 60 — Exemplares idênticos, variando apenas nas datas, que são, respectivamente: 1939, 1941, 1942, 1943, 1944 e 1946.

B) Egipto

61 — Data: 1938 J. C. / 1357 H.

Metal: bronze

Peso: 4 gr.

Diâmetro: 23 mm.

Anverso

(Efigie do rei Faruque)

فاروق الاول *Fārūq Primeiro* (Orla—lado direito)ملك مصر *Rei do Egipto* (Orla—lado esquerdo)**Reverso**Centro: *1 milésimo*

Orla:

المملكة *Reino*المصرية *do Egipto* (parte superior)

١٩٣٨ - ١٣٥٧ 1938 — 1357. (parte inferior)

62 a 64 — Exemplares, datados respectivamente de: 1948, 1950 e 1964.

VI

ZAMZIBAR

65 — Data: 1299 H. (1882 J. C.)

Metal: bronze

Peso: 6 gr.

Diâmetro: 25 mm.

Anverso

الله *Allah*
 سلطان سعيد *Sultân Sa'id*
 بن برغش بن *ben Bargax ben*
 سلطان *Sultân*
 حفظة *Hafiza*

Reverso

١٢٩٩ 1299. (Entre os dois pratos da
 balança)

RESENHA HISTÓRICA

I

DINASTIA SASSÂNIDA

Esta dinastia persa toma o nome do antepassado epónimo *Sassan*, sacerdote do templo de Anahita, em Persépolis. Estende-se por um período de nada menos de 400 anos. Durante ela se trava constante duelo com o Império Romano do Oriente, ora conquistando-lhe terreno, ora perdendo-o em seu favor. Termina com a conquista árabe em 651, data em que a Pérsia deixa de existir como nação independente, salvo em determinadas regiões protegidas pela natureza.

Eis os principais monarcas desta dinastia:

Ardexir I	224	Yezdegard I	389
Sapor I	272	Bahram V	420
Ormazd I	273	Yezdegard II	438
Bahram I	273	Ormazd III	457
Bahram II	276	Peroz	459
Bahram III	293	Balash	
Narsés	293	Kavâd	488
Tiridate	(?)	Djamasp	497
Ormazd II	303	Cosrois I	531
Adhernasé	303	Osmazd IV	579
Sapor II	310	Cosrois II	590
Ardexir II	379	Siroés	628
Sapor III	383	Ardexir III	628
Bahram IV	383		

Durante a época sassânida foi introduzido na Pérsia o Cristianismo. E lá surgiu o maniqueísmo, fundado por Maniqués, que expôs a sua doutrina durante o sermão que pregou por ocasião da coroação de Sapor I. Tendo desagradado não só aos Cristãos mas também aos

Mazdaístas, que professavam a religião oficial, o autor do cisma viu-se perseguido e foi morto no tempo de Bahram I, segundo sucessor de Sapor.

A Pérsia é ainda teatro de outras lutas religiosas: lá se instala um grande número de cristãos partidários de Nestor, e de lá irradia notável acção evangelizadora que se estenderá até à China. Não menos perseguidos que os maniqueus, os nestorianos sofreram a oposição do Mazdaísmo, que havia sido convertido em religião do estado.

A época de *Cosróis II* — que é exactamente a que nos interessa no momento presente, no âmbito deste estudo — foi uma época de expansionismo e de consequente fausto. Entre as numerosas conquistas empreendidas, figura a de Jerusalém, onde um dos seus generais se apoderou da *Santa Cruz*, que levou em triunfo para Ctesifonte. Segundo alguns historiadores, esta foi restituída após o tratado celebrado entre Heráclito, imperador de Bizâncio, e o monarca persa. A cronologia, porém, opõe-se, pois em 629 fora instituída a festa da Exaltação.

Para conveniente elucidação do leitor, esclarece-se que as moedas do tipo daquela com que abrimos este estudo, inclusive com a effigie de Cosróis II, continuam muito para além da morte daquele monarca, assassinado em 628, e mesmo após o desaparecimento da dinastia, pois vai constituir o modelo não só das moedas bilingues dos governadores árabes mas também das do Tabaristão, pequeno estado independente que se formou após a morte do último monarca sassânida e do desmembramento da Pérsia.

II

CALIFADO DE CÓRDOVA

Foram os seguintes os califas de Córdoba:

Abderramane III	929-961
Al-Háqueme II	961-976
Hixame II	961-1009 (1.º período)
Hixame II	1010-1013 (2.º período)

Mohâmade II	1009-1010
Soleimane	1013-1016
Abderramane IV	1018
Abderramane V	1023
Mohâmade III	1023-1025
Hixame III	1027-1031

Hixame II tinha apenas dez anos quando succedeu a seu pai, Al-Háqueme II. Foi uma figura meramente decorativa — quando não sequestrada. Sua mãe, de origem vasca, a formosa *Subah* (Aurora), primeiro, depois *Ibn 'Amir*, o celeberrimo *Almançor*, foram as duas figuras destacadas do seu reinado, um dos de maior esplendor da história da dominação árabe na Península. São bem conhecidas as empresas guerreiras do temível estadista, que tão funda impressão causaram nas gentes da Espanha e de Portugal. Numa dessas expedições saqueou S. Tiago de Compostela, tendo levado da Catedral as portas e os sinos, que foram utilizados em Córdoba. Nas cercanias desta cidade construiu a *Madina Al-Zahirah* («a cidade brilhante»). Ditador temível, utilizou todos os meios para manter o poder, inclusive o de se insinuar no espírito dos chefes religiosos, para o que mandou queimar a riquíssima biblioteca de Al-Háqueme II.

Hixame II abdicou por duas vezes. No entanto, conservou-se ignorada durante muito tempo a sua morte. E também durante bastante tempo se continuou a cunhar moeda em seu nome.

III

TAIFAS

Denominam-se assim os numerosíssimos estados independentes que se formaram depois do desmembramento do Califado de Córdoba.

Uma das mais importantes foi a de Sevilha, onde reinou *Almotâmide*, uma das personagens mais interessantes da história hispano-árabe.

Almotâmide («o que descansa em Alá»), fora governador de Silves, cidade que immortalizou num célebre

poema, antes de suceder a seu pai, o também poeta Almotáide, no trono de Sevilha.

Quando assumiu o poder, nomeou vizir, ou primeiro ministro, outro grande poeta, seu amigo íntimo, o algarvio Ibn Âmar, que pereceria às suas mãos, acusado de o trair.

São bem conhecidas as histórias relativas ao seu casamento com uma cristã, a jovem lavadeira e poetisa *Itimade*, que com ele dialogara em verso nas margens do Guadalquivir, e cujos caprichos o príncipe procurou sempre satisfazer: — como o de plantar as serras de amendoeiras para lhe proporcionar a imagem da neve...

Almotâmide é contemporâneo de Afonso VI de Castela e do Cid Campeador, a quem venceu em Zalaca. Teve porém um fim desgraçado. Havendo chamado em seu auxílio os Almorávidas de África, foi por eles destronado e desterrado para aquele continente, onde, ao lado da bela e idolatrada *Itimade*, carpiu, em sentidíssimos poemas, as mágoas do exílio.

IV

ALMORÁVIDES

Os *Almorávidas* eram um povo berber, tão guerreiro como fanático. Profundamente incultos, dotados dum acentuado espírito de proselitismo, haviam estabelecido numa ilha do Senegal um *ribât*, espécie de mosteiro fortificado, donde irradiava a sua acção para a expansão do Islamismo. — Mais tarde, já na época almóada, outro *ribât* foi fundado no local onde hoje se situa a capital de Marrocos — *Rabat* (em árabe *Ar-Ribât*).

Chamados primeiro como auxiliares nas lutas intestinas da Península, os Almorávidas, sob o comando de Yussuf, regressaram às suas terras. Numa segunda incursão, porém, e com forte apoio dos muçulmanos da Península, que assim julgavam libertar-se de chefes despóticos que tinham, e, sobretudo, fugir aos pesados impostos com que eram onerados, fizeram-se senhores de grande parte da Espanha, acabando com os reinos de Taifas.

Incultos e rudes, adaptando-se mal a uma civilização requintadíssima, como era a pré-existente, cedo começou a desmoronar-se o efémero domínio por eles estabelecido.

As moedas desta época têm por inovação a introdução do título *Amir Al-Muslimin* («príncipe dos muçulmanos»), com o nome do califa abássida, precedido do título *imãme*, no reverso. — Curioso é notar que Afonso VIII de Castela (1158-1214) imitou esse tipo de moeda, substituindo Amir Al-Muslimin por *Amir Al-Qatuliquin* (príncipe dos Católicos), e o nome do Imame oriental pelo de *Imã Al-Masihyah* («chefe da Igreja Cristã»), ou seja o Papa.

Em vez da inscrição «Em nome de Deus clemente, etc.», empregou o mesmo monarca cristão a legenda: «Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, um só Deus». E ainda outra, com a qual substituiu a fórmula islâmica «aquele que busca, etc.»: «O que crê e se baptiza será salvo.»

V

ALMÓADAS

Aos Almorávidas seguiram-se os *Almóadas*, igualmente berberes, vindos de África. Tão fanáticos ou mais que aqueles, diziam-se de defensores da verdadeira ortodoxia islâmica. Enquanto que os Almorávidas foram apenas senhores de Marrocos, duma pequena parte da Argélia e da Espanha, o *Império Almóada* estendeu-se de Rabat ao Cairo.

Perderam a Península com a derrota de Navas de Tolosa. A partir desse momento, e até de lá o expulsarem Fernando e Isabel, o Islão da Península ficará acantonado na região de Granada.

Os Almóadas empreenderam uma verdadeira reforma da numismática.

Ouçamos o que dela diz Preto e Fives, o autor que mais a fundo estudou o assunto, no seu trabalho «La Reforma Numismática de los Almóhades», in *Miscelánea de Estudios y Textos Árabes*, Madrid, 1915:

«... desaparece por completo la fecha, el punto de acunación se menciona pocas veces, y estas fuera del

cuerpo de la leyenda, en letra pequeña y como accesorio sin importancia; las mismas leyendas religiosas quedan reducidas en muchos casos a lo indispensable para que la moneda siga siendo musulmana.

El cuerpo de las leyendas queda reducido a la mención de los califas Almohades, unos a continuación de otros, y muchos de ellos con su genealogía correspondiente; moneda hay en que figuran hasta siete.»

A própria forma da moeda é alterada, passando de redonda a quadrada, sobretudo as de prata. As de ouro têm a legenda central envolvida num quadrado, que origina a formação de quatro segmentos.

O peso do dinar é reduzido para cerca da metade com relação ao almorávide. Em compensação é criado um novo tipo de moeda — a *dobla* ou *dobra*, vocábulo com visível origem latina, de *dupla* — com o valor de dois dinares.

O cúfico desaparece por completo, substituído pelo cursivo.

Os príncipes almóadas fazem acompanhar o seu nome do título *Amīr Almu'minin*.

VI

MARROCOS

Em meados do séc. XIII, os Almóadas, cansados de lutar em vão contra as forças desagregadoras do seu vasto império, pedem ajuda às tribos do deserto do Sahrá, os *Zenetas*. Estas vão em seu auxílio e conquistam Marrocos, estabelecendo a dinastia dos *Merínidas*, que o governará desde 1248 até 1548.

Segue-se-lhe a dinastia dos *Saádidas*.

A partir de meados do séc. XVII, inicia-se a dinastia *Hassânida* — conhecida também pelas designações de *Filalávida* e de *Alaníta*.

Eis alguns dos principais monarcas que governaram Marrocos durante esta dinastia, que se estende até ao estabelecimento dos protectorados francês e espanhol:

Mawlay Ar-Raxid	1660-1672	Abderrahman
Ismail	1672-1727	Muhammad

Mawlay Abdallah	1727	Mawlay Hassan	1873
Muhammad		Abd-Al-Aziz	1894
Yazid		Mawlay Hafiz	1907
Hixam			
Sliman	1795		

Os protectorados francês e espanhol iniciam-se em 1912.

VII

IMPÉRIO OTOMANO

O *Império Otomano* inicia-se em fins do séc. XIII, com a fixação na Ásia Menor dum dos grupos étnicos pertencente à família dos Turcos, originários da Mongólia. Eram chefeados por *Uthman*, de quem receberam o nome.

Islamizados já de longa data, vão ser eles quem consigam ver realizado o sonho dos Árabes, conquistar Bizâncio, e tornarem-se senhores de grande parte da Europa.

A dinastia otomana — das mais longas da história da humanidade — desaparece em 1920, tendo sido extinta em 16 de Março daquele ano por lei votada na Assembleia Nacional Turca. Três anos depois é proclamada a República Turca.

Eis os monarcas que governaram o Império Otomano, com indicação dos principais acontecimentos de cada reinado, sobretudo aqueles que se relacionam com a história da Europa.

Uthman — 1299. — Fixa-se na Ásia Menor.

Orhan — 1326. — Conquista Brusa, onde instala a capital.

Murad I — 1360. — Derrota a coligação de Sérvios, Húngaros e Bósnios. Conquista Sófia.

Abu Yazid — 1389. — É o Baiaçeto das crónicas ocidentais. Sitia Bizâncio de 1396 a 1400. Vence Segismundo da Hungria e seus associados em Nicópolis. É derrotado por Tamerlão. Preso e morto em 1403.

Muhammad I — 1401. — Presta vassalagem a Tamerlão pelos territórios conquistados na Europa.

- Murad I — 1421. — Conquista Salónica aos Venezianos e ocupa Patras e Corinto na Grécia, em 1443.
- Muhammad II — 1451. — Conquista Bizâncio em 1453, data a partir da qual aquela cidade passa a chamar-se Istambul. Conquista Lesbos aos Genoveses, em 1464, bem como Kaffa, na Crimeia, em 1475. Ocupa as ilhas Jónias e o canal de Otranto, em posse dos Venezianos.
- Abu Yazid II — 1481. — Estabelece uma base otomana no canal de Lepanto, em 1499.
- Selim I — 1512. — Persegue os Xiitas. Luta contra os Mamelucos. Conquista Damasco em 1516. Reprime a revolta dos Xiitas da Síria em 1517. A partir de Selim I extremam-se os campos: Sunitas na Turquia; Xiitas na Pérsia.
- Suliman — 1520. — É o célebre Soleimão, o Magnífico. — Conquista Belgrado em 1521, Rodas em 1522 e a Hungria em 1526. Alia-se com Francisco I, de França, em 1534. Ataca a Áustria em 1565.
- Selim II — 1566.
- Murad III — 1574.
- Muhammad III — 1595.
- Ahmad I — 1603.
- Mustafá — 1617. — Deposto, e reposto em 1622, abdica em 1623.
- Uthman II — 1617.
- Murad IV — 1623. — Trava lutas com a Pérsia, persegue os Xiitas e conquista Bagdad.
- Ibrahim — 1640.
- Muhammad IV — 1648.
- Suleiman II — 1687. — Perde praças na Hungria, na Sérvia e na Dalmácia.
- Mustafá II — 1691. — Trava lutas na Hungria. É derrotado por Eugénio de Saboia em 1696. Perde Azov em favor de Pedro I da Rússia.
- Ahmad III — 1703. — Celebra o tratado de Karlovici com a Áustria, Polónia, Veneza e Rússia, em 1699.
- Mahmud I — 1730. — Celebra o tratado de Belgrado, devolvendo esta cidade, bem como a Sérvia.
- Uthman III — 1754.

- Mustafá III — 1757. — É atacado pelos Russos. Conquista da Crimeia.
- Abd-Al-Camid — 1773. — Carattina II obtém novas vitórias para a Rússia. Perda das bases do Mar Negro e da Crimeia. Revoltas na Síria, na Palestina e no Iraque.
- Suliman III — 1789. — Ocupação de Bucareste e de Belgrado pelos Austríacos em 1789. Devolução destes territórios pela Paz de Zitova, em 1791. — Invasão napoleónica do Egipto, em 1798. Paz de Napoleão com a Porta em 1806. Muhammad Ali comanda a expedição do Egipto em 1806.
- Mustafá IV — 1807.
- Muhamud II — 1808. — Assina a Paz de Bucareste em 1812.
- Abd-Al-Magid — 1839. — Conquista de Acre pelos aliados — Inglaterra, Rússia, Áustria, e Prússia — em 1840.
- Abd-Al-Aziz — 1861. — Crise económica. Independência da Roménia.
- Murad V — 1875.
- Abd-Al-Hamid II — 1856. — Perda da Tripolitânia, Dodecaneso e Cirenaica em favor dos Italianos.
- Muhammad V — 1909.
- Muhammad VI — 1918.

A moeda mais antiga que figura na presente colecção referente à Turquia é de 1255 da H., como vimos, data da batalha de Nassib, na Síria, e da morte do califa Mahmud II.

Outra, de 1277 da H., foi cunhada no penúltimo ano do reinado Al-Magid.

VIII

EGIPTO

Em 1277 o Egipto é governado por Said, filho de Muhammad Ali. Constitui ainda, pelo menos aparentemente, província do Império Otomano, embora o governo

passee hereditariamente de Muhammad Ali para seus filhos.

Foi durante o governo de Said que se construiu o Canal de Suez, sendo o porto que lhe dá acesso baptizado com o nome do governante — *Porto-Said*.

A Porta concedeu a Ismail, neto de Muhammad Ali, sucessor de Said, o título de *khediva*. Foi na sua época que se concluiu o Canal de Suez. E com o seu nome foi também baptizada uma das cidades egípcias — *Ismailia*.

Abundam, por toda a parte, as moedas egípcias da época otomana, como acontece com as das outras províncias do Império.

IX

ÍNDIA

A primeira fixação dos Árabes na Índia remonta exactamente ao ano em que invadiram a Península Hispânica, isto é, 711 da nossa era.

As primeiras terras conquistadas foram Daibul e Multan, no Sind. Cedo se tornaram porém independentes.

A verdadeira penetração fez-se, todavia, através do Afeganistão, com a conquista de Lahore e com os estabelecimentos do Sultanato de Deli.

Das moedas que nesta colecção se apresentam como tendo circulado na Índia, a mais antiga é, segundo julgamos, a que tem o número 42, na qual se lê, sem margem para dúvidas, a data de 976 H. Embora não a tenhamos lido na íntegra numa das faces, por razões que oportunamente apresentámos, supomos que se trata duma peça originária do Decão. As outras são do Império do Grão Mogol e uma é já do tempo da Dominação Inglesa.

Convém chamar aqui a atenção para o facto de a Índia, antes de ser possessão da Coroa Britânica tê-lo sido da Companhia Inglesa das Índias.

Em 1765, entre os vários pretendentes que disputavam aquela província, a Inglaterra apoiou e reconheceu como governador o *Xab Alam*. Este, depois de ter sido deposto e cego pelo afegano Gulam Qâdir, ficou sob a tutela inglesa.

Embora cego e sequestrado no seu palácio — quem governava realmente era a Companhia das Índias — continuam as moedas a serem cunhadas em seu nome.

A partir de 1833, pelo menos, como se vê da moeda n.º 44, surgem peças com legenda inglesa e até, por vezes, com a effigie do governante britânico.

Dado o facto de haver várias etnias, utilizando idiomas diferentes, não surpreenderá a prática de cunhar as moedas em várias línguas, como acontece com algumas que compõem esta colecção.

X

PALESTINA E EGIPTO

(Séc. xx)

As moedas que figuram neste trabalho respeitantes à Palestina são da época da dominação inglesa. Estão cunhadas, como vimos, em três idiomas — inglês, hebraico e árabe.

As moedas egípcias que incluímos nesta secção, mais ou menos contemporâneas das palestinianas, foram cunhadas por Fuad I e por seu filho Faruque, últimos monarcas que governaram as terras do Nilo e pertencentes à dinastia iniciada por Muhammad Ali.

Como os factos ocorridos durante os governos destes soberanos estão muito próximos de nós e são, por isso mesmo, sobejamente conhecidos, não nos alongamos mais em considerações.

XI

ZANZIBAR

Zanzibar é uma ilha do Oceano Índico, a quarenta quilómetros da costa oriental de África.

Desempenhou o seu papel na história do nosso País, que aí manteve, durante o séc. xvii, uma feitoria. Portugal lá introduziu a cultura do milho, do ananás, do tabaco, etc. E construiu um hospital.

Os destinos de Zanzibar correm, durante séculos, paralelamente ou sob a dependência de Omão.

Nos começos do séc. XVIII foi conquistado pelos árabes, juntamente com Mombaça e Pate. Reconquistada por um antigo capitão de Moçambique, Álvaro Caetano de Melo e Castro, que partira de Goa à frente de uma expedição, perdemos-la definitivamente em 1729, após uma revolta dos negros.

Em 1832, o sultão de Omão, Said ben Sultan, estabeleceu a sua residência em Zanzibar. Em 1856, ano da morte deste monarca, adquiriu a independência com a subida ao poder de Magid ben Said. A este sucedeu, em 1870, seu irmão Bargax.

A partir de 1890, por convénio das potências ocidentais, Zanzibar passou a fazer parte do protectorado inglês de Tanganica, continuando todavia a ser governado por um sultão.

Eis os sultões que governaram a ilha a partir de 1856:

Magid ben Said	1273 H. (1856 J. C.)
Bargax ben Said	1287 H. (1870 J. C.)
Califa ben Said	1305 H. (1888 J. C.)
Ali ben Said ben Sultan	1307 H. (1889 J. C.)
Said ben Tuaini	1311 H. (1893 J. C.)
Calid ben Said	1314 H. (1896 J. C.)
Said ben Hamud	1330 H. (1912 J. C.)
Said ben Califa	

A moeda que aqui se publica é do sultanado de Bargax (1287 a 1305 H.).

BIBLIOGRAFIA

La Moneda Arabigo-Española, por Castro M.^a del Rivero — Madrid, 1953.

Tratado de Numismática Árbitro-Española, por Francisco Codera y Zaidin — Madrid, 1879.

Monedas de las Dinastias Árbitro-Españolas, Antonio Vives y Escudero, Madrid, 1893.

Moedas Árabes — Inventário e Descrição, por Joaquim Figanier — Lisboa, I Vol., 1949; II Vol., 1959.

La Reforma Numismática de los Almohades, in *Miscelanea de Estudios e textos Árabes*, por Prieto Vives, — Madrid, 1915.

Numismatique du Tabaristan, por J. M. Unvala, Paris, 1959.

Coins of the Spanish Muluk al-Tawa'if, por George C. Miles — New York, 1954.

The «Coinage» of Umayyads of Spanish, por George C. Miles — New York, 1952.

Rare Islamic Coins, por George C. Miles — New York, 1950.

Inventaire des Monnaies Musulmanes Anciennes du Musée de Caboul, por Dominique Sourdel — Inst. Français de Damas, 1953.

Numismatica Orientalia Illustrata, por William Marsden — 1823-29.

Numismatica de los Países del Extremo Oriente, por A. Garcia Manso.

Catalogue of the Coins of the Shahs of Persia, por Reginald Stuart Poole.

Traité des Monnaies d'Or et d'Argent, por Bonneville.

Coins — Ancient, Medieval, Modern, por R. A. G. Carson — London, 1962.

Al-Andalus — Vários números.

Circular Coins (revista) vários números.

Le Maroc — Les Guides Bleus — Paris, 1925.

Egypte — Les Guides Bleus — Paris, 1956.

L'Iran Antique, Elam et Perse et la Civilisation Iranienne, por Clément Huart — L'Evolution de l'Humanité — Paris, 1952.

Islamologia, por Felix M. Pareja — Madrid, I vol., 1952; II vol., 1964.

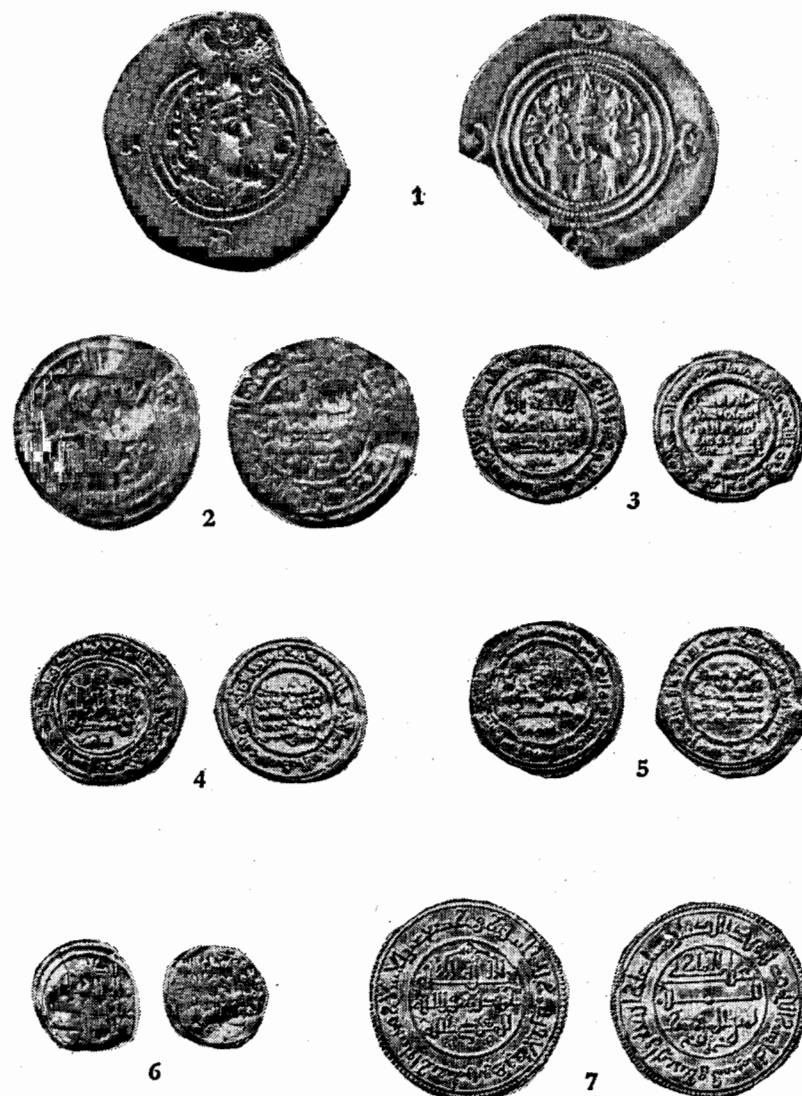
Los Mozárabes, por Isidoro de las Cagigas — I vol., Madrid, 1947; II Vol., 1948.

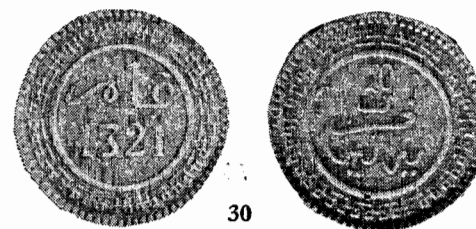
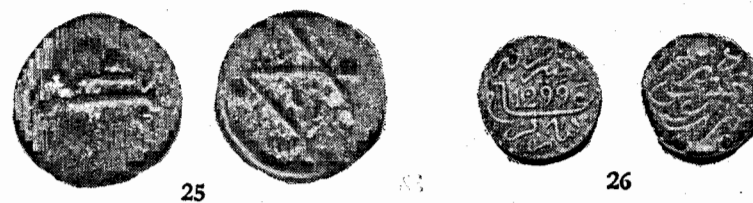
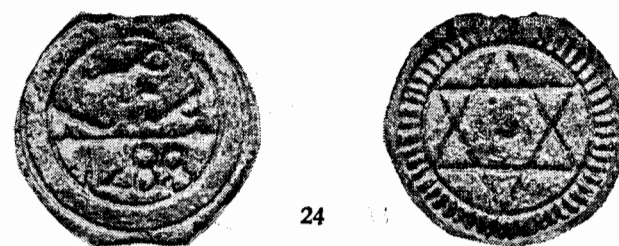
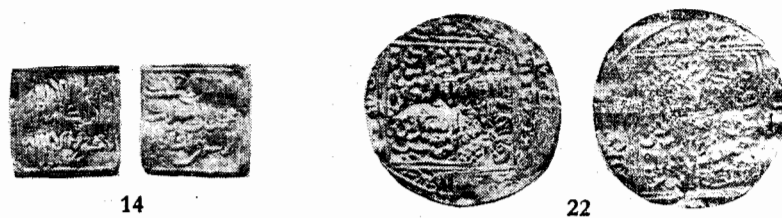
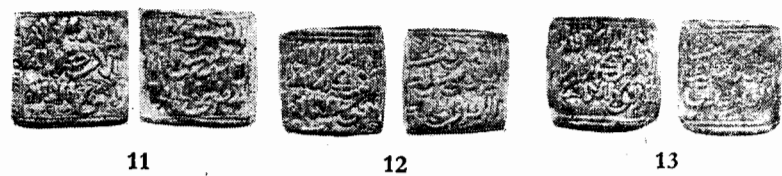
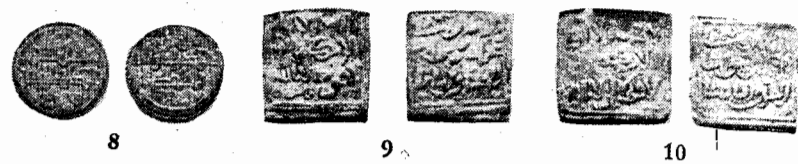
História de los árabes, por Philip K. Hitti, — Madrid, 1950.

Standard Catalog of World Coins, por Chester L. Kraus and Clifford Mishler — Várias edições.

Encyclopédie Universelle des Monnaies du XX.^e Siècle — por Jean-François Cartier e Günter Schön — Paris, 1972.

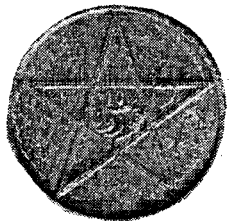
Arabic Coins and how to read them, by Richard Plant — Seaby, London, 1980.







31



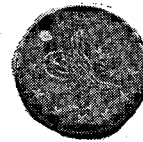
32



33



34



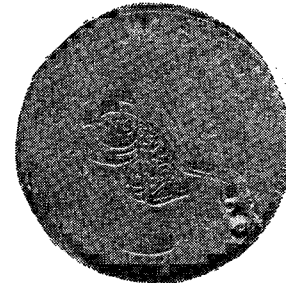
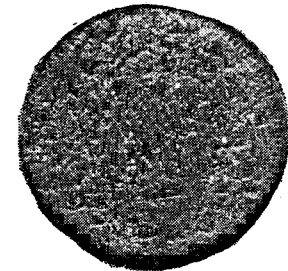
35



36



37

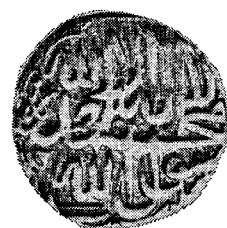


40



41





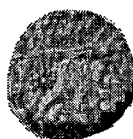
42



43



45



46



47



48



49



54



61



65



HAYRIYE ALTIN



1.73 gm., 20mm

C# Date
233 AH1223

Year	Mintage
21	—
22	—
23	—
24	—
25	—
26	—

—Reported, Not Confirmed

